

Editorial

Em continuação à tradição dos dossiês temáticos, a Revista Cronos dedica este número à Educação e Sociedade. Recolhendo contribuições variadas, olhares diversos, visões plurais, perspectivas múltiplas, persegue-se a orientação de tocar a mesma corda em diferentes tonalidades, fazer soar a dissonância criadora. Um de nossos autores fala em “mutação geral da sociedade” neste início de milênio. Há um diagnóstico de crise e declínio, de rompimento dos laços de solidariedade social, de violência e hiperindividualismo; crise que atinge os modos de produção e de vida, as redes de sociabilidade, que desorganiza e fragiliza a escola como instância de socialização, de integração social, de reprodução e processamento dos conflitos, de transmissão de saberes. Se em sociedades capitalistas desenvolvidas, como a francesa, a crise se exprime como “desencanto”, revelando a perplexidade de uma sociedade que, parecendo ter atingido o pico da modernidade e da democracia, se vê às voltas com seus “desfiliaados”, vê crescer os bairros sombrios de uma periferia que invadiu o centro da sociedade, no Brasil, a crise se revela como frustração, como perda da esperança na [suposta] capacidade de redenção da educação. Porém, se crise não é sinal de quietismo ou paralisia, deve-se investir em seu potencial criador. É isto que buscam os autores, perquirindo a inquietude e o movimento onde muitos só vêem poeira e cinza.

Na seção Artigos, este volume apresenta, de igual modo, uma multiplicidade de abordagens temáticas e interpretativas, abrangendo: agricultura irrigada voltada para o mercado externo (Dalva Mota), assistência técnica à agricultura familiar (Heribert Schmitz), uma análise, no calor da hora, das eleições presidenciais de 2002, que se revelaria, em larga medida, premonitória (Evaldo Vieira), reflexões críticas acerca desse (hoje) desgastado *métier*, o do jornalismo literário (José Castello), leituras instigantes das obras literárias de Graciliano Ramos (Marcos Falchero) e Rubem Braga (Maria de Lourdes Patrini) e uma aguda análise das implicações da reestruturação das economias européias no quadro da acumulação flexível comandada pelas políticas neoliberais (Vasapollo). Acompanhando o dossiê, uma entrevista com a eminente socióloga e educadora Silke Weber conduzida, com rara sensibilidade, pelo sociólogo Paulo Henrique Martins.

Não poderia faltar a este volume uma pílula de literatura, micro contraponto inquietante a jogar na cena nossa subjetividade indomável: o poema do modernista potiguar Jorge Fernandes surpreende pelo estilo direto e o despojamento da linguagem, como a emergir do solo duro e seco do sertão nordestino, marcado (anos 1920) pela invasão das máquinas e da modernidade.

José Antônio Spinelli Lindoso

